

Reflexões sobre a Igreja Gay no Brasil: uma vertente do pentecostalismo

Reflections on the Gay Church in Brazil: a strand of Pentecostalism

*Franciele Rodrigues **

LIMA, Regiane Aparecida de; LANZA, Fabio; PATROCÍNIO, Luís Gustavo. Igreja gay: inclusiva e pentecostal. Macapá: UNIFAP, 2018. 72 p.

O e-book *Igreja Gay: Inclusiva e Pentecostal*, lançado em 30 de julho de 2020 através de evento virtual, nos traz contribuições para pensarmos diversas questões que perpassavam as relações estabelecidas entre religião e gênero. Os debates são propostos em contextos marcados pela ascensão de grupos e movimentos conservadores no Brasil e em outros países, cujas atuações incidem sobre a defesa da família tradicional e a reprodução dos papéis de gênero sob o prisma heteronormativo, o controle dos corpos, sobretudo, de meninas e mulheres restringindo o acesso a direitos reprodutivos e a liberdade sexual, a reprodução de violências contra as minorias sexuais entre outras ofensivas.

Além disso, o livro surge no momento em que o mundo atravessa a crise sanitária gerada pela Covid-19. A pandemia do Coronavírus tem ampliado e evidenciado múltiplas desigualdades recorrentes de pertencimentos como classe social, grupo étnico-racial, gênero, entre outros marcadores sociais. Diversas pesquisas têm apontado, com base em dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde, que o índice de letalidade da doença tem sido maior entre os mais vulneráveis, ou seja, com escolaridade mais baixa, menor renda, negros e pardos.

Não obstante, a recessão econômica agravada pela pandemia no Brasil tem afetado ainda mais a comunidade LGBT, cuja taxa de desemprego identificada atingiu 21,6% entre janeiro e abril de 2020 enquanto o índice entre a população em geral registrou 12,6% no mesmo período. As informações partem de uma pesquisa realizada pelo coletivo #VoteLGBT. Diante de tais realidades, as discussões

* Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Estudante de Jornalismo na mesma Universidade. E-mail: r_franciele@hotmail.com.

tornam-se ainda mais relevantes e nos provocam inquietações ao abordar assuntos polêmicos como as interações entre as religiões e a construção das identidades de gênero.

A obra é de autoria dos pesquisadores Regiane Aparecida de Lima, Fábio Lanza e Luis Gustavo Patrocino, ambos participantes do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O material foi produzido em 2018 pela Editora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e está disponível, gratuitamente, nos sites do LERR/UEL e da Editora da UNIFAP.

Ao longo das 72 páginas, o livro nos conta que desde 1960, nos Estados Unidos é possível observar o surgimento de igrejas inclusivas, muitas vezes criadas por membros que romperam com as instituições que frequentavam anteriormente, já que não as identificaram como espaços de tolerância. No Brasil, a emergência das primeiras igrejas inclusivas ocorreu no final da década de 1980 e início dos anos 1990 nos centros urbanos e levantou como uma de suas principais propostas teológicas a reinterpretação da Bíblia acerca da homossexualidade.

Para estas instituições, que incorporam diferentes elementos do pentecostalismo, como louvores, uso intensivo de redes sociais, rituais de cura, exorcismo, glossolalia, a homossexualidade não é compreendida como “desvio”. Tornam-se, portanto, meios para que pastores e pastoras, muitos deles homossexuais, atendam a comunidade LGBT ao passo que este segmento busca por experiências religiosas que lhes permitam não ocultar ou reprimir as suas respectivas identidades de gênero. Atualmente, em esfera nacional, os números de igrejas inclusivas têm aumentado, principalmente, nas regiões Sul e Sudeste.

A apresentação do livro é assinada pela pastora Lanna Holder, uma das líderes da Igreja Comunidade Cidade do Refúgio. De acordo com a religiosa, a obra intenta enquadrar a Instituição como um agente político, apreensão que ela rejeita, pois entende que nenhum movimento social possa colaborar mais para a justiça social do que o Evangelho: “nenhum discurso social tem mais impacto do que a pregação da Palavra de Deus” (HOLDER, 2018, p.11). Para Holder, a pesquisa desenvolvida no âmbito da Igreja por seu viés sociológico tende a afastar-se da perspectiva espiritual.

É importante ressaltar que o livro parte de reflexões construídas durante o ano de 2014 e, portanto, constituem aprofundamentos de discussões levantadas

em um trabalho de conclusão de curso e uma dissertação de mestrado, pesquisas defendidas no programa de graduação e pós-graduação em Ciências Sociais da UEL, respectivamente. Diante disso, é primaz destacar também que, no ano de elaboração das investigações (2014), a Igreja Cidade do Refúgio¹ era recente, pois surgiu em 2011 em São Paulo. Já em Londrina, as atividades foram iniciadas em 2013.

O exemplar está estruturado da seguinte forma: na Introdução, os autores traçam um mapa do cenário religioso brasileiro. Orientados por censos demográficos, como o desenvolvido em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e à luz das contribuições das Ciências Sociais, com ênfase na Sociologia das Religiões, os pesquisadores ressaltam a diversidade do campo religioso na sociedade brasileira. Verificaram que o cristianismo é a religião que concentra a maior parte de adeptos, porém ressaltam a diversidade de grupos e as reconfigurações que vem sendo percebidas no campo cristão, uma vez que o catolicismo tem diminuído a sua hegemonia (ao menos quantitativamente) no país ao passo que as igrejas “evangélicas” (denominação que reúne protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais) têm aumentado significativamente o número de fiéis.

O movimento pentecostal, o seu surgimento no Brasil, influências, características e ressignificações são aprofundados a partir do segundo capítulo. Ainda, nos apresentam um panorama de como as relações entre as religiões estão sendo constituídas em diferentes períodos históricos. Como argumentam os estudiosos, desde o Brasil Colonial, a Igreja Católica é referencial na compreensão do que vem a ser “religião” e como esta deve ser vivenciada através de determinados ritos, dogmas, símbolos. Assim, Lima, Lanza e Patrocino (2018) evidenciam as trocas e conflitos entre as denominações religiosas, os quais serão preponderantes para a permanência de um mercado religioso, já identificado por Peter Berger nos idos anos 1970, porém cujas dinâmicas são constantemente alteradas.

É interessante observar também que a construção deste quadro nos permite vislumbrar que as religiões e religiosidades persistem tanto na esfera privada como nos ambientes públicos a despeito dos movimentos de modernização e racionalização. Diante disso, somos instigados a pensar como o princípio da laicidade do Estado brasileiro, previsto na Constituição Federal de 1988, tem sido operacionalizado pelos diferentes grupos religiosos na medida em que segmentos específicos

tendem a adentrar a política institucional e orientar os sentidos das políticas públicas – a exemplo dos setores evangélicos, cuja representação, sobretudo, no poder Legislativo tem crescido. A Frente Parlamentar Evangélica, mais conhecida como “Bancada Evangélica” tem aumentado a quantidade de cadeiras no Congresso Nacional e muitos dos projetos de lei propostos por seus representantes versam sobre as questões de gênero, como notou Dip (2018) em levantamento elaborado entre 2014 a 2017.

No terceiro capítulo, as discussões sobre religião e gênero são estreitadas. Os investigadores compreendem o gênero como uma construção social. Desse modo, eles enfatizam que as relações desiguais entre os sexos feminino e masculino partem do ideário judaico-cristão patriarcal, no qual a representação da mulher está associada ao “pecado”, cabendo-lhe apenas os destinos do casamento e da maternidade, estes reflexos e ao mesmo tempo propositores de uma moralidade sexual reguladora. Visões que vêm sendo desconstruídas mediante a luta de movimentos sociais, como os feminismos, principalmente, a partir de 1970, que buscam efetivar direitos e, então, estabelecer a igualdade entre os gêneros.

Estas mobilizações também chegaram ao campo religioso e, daí, emergiram iniciativas como “Cristianismo Queer”, “Teologia Queer” e as “igrejas inclusivas” – este último, tema geral da obra em discussão – que postularam a necessidade do acolhimento e reconhecimento das pautas da comunidade LGBT no âmbito das religiões, especialmente, entre as igrejas pentecostais. A fim de mergulhar nestas reflexões, Lima, Lanza e Patrocino (2018) recorrem às contribuições de autores/as como Michael Foucault e Judith Butler. Esse terceiro capítulo da obra também apresenta as primeiras tentativas de criação de uma comunidade cristã gay, destacando a importância do Centro de Estudos Homoeróticos (CAEHUSP) da Universidade de São Paulo (USP) como local de promoção de dissidências teóricas e políticas acerca da intolerância sofrida por homossexuais dentro das igrejas evangélicas.

Outra medida apontada pelos autores foi o jornal *O Lâmpião da Esquina*. Criado em 1978, o periódico foi utilizado para veicular depoimentos de lideranças religiosas como o do padre Antonio Roig Roselló da Ordem dos Carmelitas Descalços que confessou a sua homossexualidade e simultaneamente defendeu que continuasse exercendo o sacerdócio. Prosseguindo com as experiências que defendem maior inclusão das minorias sexuais dentre as religiões, no quarto capítulo, os

pesquisadores trazem informações sobre a formação da denominação religiosa “Cidade do Refúgio”, em 2011, na cidade de São Paulo.

Inicialmente, os estudiosos apresentam as biografias das pastoras Lanna Holder e Rosania Rocha. Em seguida, exploram trechos de entrevista realizada com uma das líderes (Holder). Algumas das falas da pastora, problematizadas pelos autores, referem-se ao não interesse pela intensa luta gay, pois esta é vista como de interesse privado e não coletivo. Em Londrina, a Igreja Cidade do Refúgio foi inaugurada no centro da cidade, como dito, em 2013. A denominação religiosa no município foi objeto de exercício etnográfico da pesquisadora Regiane Lima. Desse modo, as análises contemplam desde elementos infraestruturais do prédio às percepções do primeiro culto e outros decorrentes, isto é, quem esteve presente (os pesquisadores identificaram que a maioria do público é composta por jovens, mulheres solteiras, com formação em nível superior, etc.), como as atividades foram organizadas, quais foram os discursos.

Ademais, ao longo do último capítulo, Lima, Lanza e Patrocino (2018) observaram que durante os cultos da igreja inclusiva Cidade do Refúgio em Londrina, expressões pejorativas foram associadas às religiões afro-brasileiras. Eles também notaram que gírias disseminadas entre a comunidade LGBT não eram bem aceitas no âmbito da Igreja. Os pesquisadores estudaram ainda uma página criada por uma das lideranças e, então, constataram que embora as publicações sejam diversas há a recorrência de instruções sobre relacionamentos.

Os estudiosos ressaltam que a Igreja Cidade do Refúgio possui uma revista impressa chamada *Namoro: como saber quem é a pessoa certa?* que era disponibilizada para venda. Entretanto, avaliam que a cartilha aborda casais heterossexuais e sob uma perspectiva machista, a qual estabelece a submissão da mulher ao homem entre outras formas de opressão. Contudo, também destacam que, ao contrário do que possa ser imaginado, na igreja inclusiva Cidade do Refúgio não há um rompimento com a moralidade cristã, pois a maioria das liturgias ainda está ancorada por leituras e compreensões do pentecostalismo clássico.

Logo, apesar de os discursos exaltarem a necessidade da inclusão de todos os grupos sociais marginalizados (mulheres, homossexuais, negros) não foi perceptível, segundo os autores, a proposição de medidas que incentivem a maior participação de tais camadas sociais em espaços de poder, na arena política. Os pesquisadores também observaram este distanciamento entre a Igreja e os movimentos sociais que defendem a (r)existência da população LGBT.

Referências bibliográficas:

DIP, Andrea. *Em nome de quem?: a bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 144p.

#VOTELGBT. *LGBT+ sofrem mais com o impacto da pandemia*. Disponível em: <https://www.votelgbt.org/pesquisas>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

¹ Ver: <http://cidadederefugio.com.br/sobre-a-igreja/>.

Recebido em 11/08/2020, aceito para publicação em 27/09/2020.